

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS**

Jéssica Mayara José

Contribuições de Ailton Krenak e Antônio Bispo dos Santos: Explorando um possível  
diálogo com as Ciências Socioambientais

BELO HORIZONTE

2021

**Jéssica Mayara José**

Contribuições de Ailton Krenak e Antônio Bispo dos Santos: Explorando um possível diálogo com as Ciências Socioambientais

Monografia apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Socioambientais.

Orientador(a):

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Rabelo Gomes

BELO HORIZONTE

2021

## **AGRADECIMENTOS**

À minha avó (in memorian), que sempre me motivou e que tanto se alegrou com minha aprovação na UFMG, sua lembrança me inspira e me faz persistir;

À minha mãe, pelo amor e apoio incondicional nas minhas escolhas, e por compreender as minhas ausências, serei eternamente grata;

À minhas irmãs, que sempre acreditaram no meu potencial e contribuíram para essa conquista, e a minha família por serem tão especiais;

Às amigas que a graduação me proporcionou e que fizeram essa trajetória ser mais leve e divertida, e pela cooperação mútua durante todos esses anos;

Aos professores e professoras, pelas valiosas contribuições e ensinamentos;

À minha orientadora, que conduziu o trabalho com paciência e dedicação;

E por fim, à Universidade Federal de Minas Gerais pelas imensas oportunidades concedidas durante a minha formação.

*Viver é partir, voltar e repartir.*

*(Emicida)*

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema “Contribuições de Ailton Krenak e Antônio Bispo dos Santos: Explorando um possível diálogo com as Ciências Socioambientais” e visa, em linhas gerais, conduzir um estudo exploratório sobre as possíveis relações e o possível diálogo entre o discurso e ideias de Ailton Krenak e Nêgo Bispo enquanto representantes das duas matrizes de conhecimentos: as tradições dos povos ameríndios e as tradições afro-diaspóricas. A maneira como os povos originários se relacionam com a ancestralidade e seu olhar sobre a vida é retratada a partir de um modelo de uma cosmovisão profundamente conectada com a natureza e a espiritualidade humana. Dessa forma, a partir das obras e trajetória de Ailton Krenak e Nêgo Bispo revelam que ambos estão interessados em estabelecer uma contra narrativa aos processos de colonização, cada um agindo da sua própria maneira de acordo com os ideais que defendem.

**Palavras-chave:** povos originários, indígenas, trajetória, Ailton Krenak, Nêgo Bispo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 – AILTON KRENAK</b>	<b>12</b>
1.1 Aprendendo com Ailton Krenak	14
<b>CAPÍTULO 2 – NÊGO BISPO</b>	<b>30</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

A proposta de pesquisa que gerou o trabalho de conclusão de curso que aqui se desenvolve é proveniente de um período de experiência entre agosto/2019 e dezembro/2021 em iniciação científica associada ao projeto Saberes Indígenas na Escola da Faculdade de Educação (FAE) da UFMG, onde, como aluna bolsista, foram concluídos dois projetos intitulados “Centro de Referência para Produção de Material - Saberes Indígenas nas Escolas” e “Modelos de educação entre indígenas e quilombolas em Minas Gerais”. Além disso, houve a participação nas atividades da Cátedra CALAS/IEAT (Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares) com o próprio Ailton Krenak entre outubro e dezembro/2021.

Sendo assim, essa experiência – acrescida aos conteúdos sobre povos originários, conflitos socioambientais, meio ambiente e sociedade, entre outros, com os quais foi possível se ter contato ao longo da graduação em Ciências Socioambientais em algumas disciplinas, palestras e vivências – acendeu um entusiasmo para a elaboração de um trabalho nessa área e motivou o interesse pela pesquisa.

Embora possuam enorme importância em seus trabalhos e produções, é incontestável a invisibilidade histórica imposta aos autores negros e indígenas, principalmente nos espaços acadêmicos. Dessa forma, o tema proposto ganha relevância por tratar de aspectos que implicam a interdisciplinaridade de conhecimentos nas esferas políticas, sociais e culturais e que se tornam importantes para valorizar e trazer atenção para povos que são historicamente excluídos e marginalizados socialmente.

O objetivo geral deste trabalho foi o de conduzir um estudo exploratório sobre as possíveis relações e o possível diálogo entre o discurso e ideias de Ailton Krenak e Nêgo Bispo enquanto representantes das duas matrizes de conhecimentos: as tradições dos povos ameríndios e as tradições afro-diaspóricas. Esse trabalho

pretendeu, assim, identificar possíveis pontos em que Ailton Krenak se encontra com Nêgo Bispo; ou ainda, possíveis “confluências” entre os dois autores. Tomou como ponto de partida uma pesquisa bibliográfica acerca da vida de Krenak e os momentos em que sua trajetória se encontra com assuntos que intelectuais negros abordam nas suas próprias trajetórias. Da mesma forma foi elaborada uma revisão de literatura para introduzir as temáticas encontradas a partir da trajetória e da produção de Nêgo Bispo.

Foram utilizados, como base para pesquisa neste trabalho, os livros publicados de Ailton Krenak, principalmente *A vida não é útil, Ideias para adiar o fim do mundo* e *O amanhã não está à venda*, além das conferências que proferiu na UFMG entre 2020-2021. Já em relação à Nêgo Bispo, o livro de referência utilizado foi *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. Além desses livros, foram consultados outros materiais de apoio para complementar o trabalho, como artigos e vídeos, para utilizar também referências orais que trazem fundamentais contribuições dos dois autores.

## **CAPÍTULO 1**

### **AILTON KRENAK**

Nascido em 29 de setembro de 1953 na região do Vale do Rio Doce - Minas Gerais, Ailton Alves Lacerda Krenak, mais conhecido apenas como Ailton Krenak, é um líder indígena, ativista, escritor e ambientalista, da etnia indígena Krenak. Aos 17 anos mudou-se com a sua família para o Paraná, e se alfabetizou aos 18 anos. Logo após, se tornou produtor gráfico e jornalista.

Desde jovem vem atuando em defesa dos direitos indígenas e como ativista do movimento socioambiental, além de ser um dos principais líderes do Movimento Indígena brasileiro, a partir de fins dos anos 1970. Contribuiu também para criar a União das Nações Indígenas (UNI) em 1980, um dos primeiros movimentos indígenas a ser institucionalizado, e passou a se dedicar a ele exclusivamente. É um dos criadores, ao lado de Chico Mendes, da Aliança dos Povos da Floresta. Em 1985, fundou a organização não-governamental Núcleo de Cultura Indígena (NCI).

Em 4 de setembro de 1987, discursou na tribuna como representante e porta-voz da emergente União das Nações Indígenas, vestido de terno branco, e durante o discurso pintou seu rosto com tinta preta à base de pasta de jenipapo, que é muito utilizada nas pinturas tradicionais de povos indígenas, como uma forma de protesto e luto.

As Emendas Populares em defesa dos direitos indígenas foram as últimas a serem defendidas na pauta do Plenário da Comissão de Sistematização, o que ocorreu num Plenário quase vazio, com menos de 1/3 de seus integrantes totais (CARDOSO; SANTANA, 2020, p.105). A participação na Constituinte foi importante para mostrar o descontentamento com as modificações que foram feitas nas reivindicações que foram apresentadas em defesa das causas indígenas, considerado um retrocesso na luta pelos seus direitos. Foi um momento crucial que

levou à aprovação dos artigos 231 e 232 da Constituição Federal do ano de 1988, pelos parlamentares constituintes. Esses artigos, embora tardiamente, demonstram consonância com a *proposta de proteção global de salvaguardar os povos indígenas*, e como consequência reconhecem a existência de um Estado multicultural e plural (MORAES; ARAÚJO, 2017).

Segundo Ailton Krenak (2013)<sup>1</sup> “na Constituinte nós conseguimos perceber a potência que esses direitos que nós carregávamos traziam em si mesmos, e como eles podiam projetar para além da nossa geração, para as gerações futuras, novos espaços de atuação, de conhecimentos e de saberes”.

No ano de 2016, Ailton Krenak recebeu o título de Professor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais, como consequência de sua atuação na universidade.

Além disso, possui alguns livros publicados, dentre eles, *O lugar onde a terra descansa* (2000), com coautoria de Adriana Moura, *Encontros* (2015), *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), que se tornou um dos mais vendidos no país desde o seu lançamento, *O amanhã não está à venda* (2020), *A vida não é útil* (2020), *Mestre das Periferias* (2021) em coautoria com Conceição Evaristo e Antônio Bispo dos Santos - Nêgo Bispo. Sua produção escrita é feita principalmente através de entrevistas e conferências transcritas.

Em setembro de 2020, o líder indígena se consagrou vencedor da 62ª edição do Prêmio Juca Pato, concedido pela União Brasileira de Escritores (UBE). Krenak foi considerado pelo presidente da UBE, Ricardo Ramos Filho, como “uma pessoa com relevância política e uma trajetória de valores políticos, entre eles a liberdade de expressão, a democracia e os direitos humanos”<sup>2</sup>. Esses valores, somados com

---

<sup>1</sup> Trecho retirado de uma entrevista realizada em 15 de abril de 2013, com o apoio da Capes, fruto da pesquisa de doutorado de Yussef Daibert Salomão de Campos. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832018000200014>> [Acesso em 7 de novembro de 2021]

<sup>2</sup>Disponível em <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/ailton-krenak-e-o-intelectual-do-ano-3018955e.html> [Acesso em 5 de novembro de 2021]

a relevância nacional e internacional do seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, que foi celebrado pelo público e pela crítica, foram responsáveis por sua indicação ao prêmio.

Devido à sua relevância, a Comunidade Selvagem<sup>3</sup> criou uma biblioteca pública virtual que reúne o registro de suas falas por meio de entrevistas, filmes, conversas, palestras e documentários em que houve a participação de Krenak, como forma de catalogar, organizar e facilitar o acesso à suas falas. Atualmente, suas entrevistas, palestras, livros e textos têm se espalhado amplamente, o que pode significar uma ampliação da possibilidade de diálogo ameríndio com a sociedade nacional. Embora Krenak, desde a década de 1980, já estivesse envolvido no movimento indígena em prol do reconhecimento dos seus direitos e dessa maneira nos mostrasse a diversidade cultural e cosmológica existente no país, muito da sua visibilidade recente veio através dos seus escritos, o que nos leva a pensar: qual é a urgência de ouvi-lo e porque as ideias e pensamentos de Krenak se destacam tanto nos dias atuais? Discutir as suas ideias certamente nos ajuda a entender um pouco o caminho pelo qual essa sociedade em crise tem nos levado e possíveis meios para “adiar o fim do mundo”, através de políticas de envolvimento.

### **Aprendendo com Ailton Krenak**

Em primeiro lugar, é impossível falar sobre Ailton Krenak e não reconhecer que ele se configura como uma das principais lideranças e pensadores da contemporaneidade, afinal, suas palavras ecoam como uma espécie de mensagem de pessoas que lutam pela sobrevivência há mais de 500 anos. Ademais, a sua história de certa forma se assemelha com o movimento da história dos povos indígenas no Brasil, que também sempre lutaram por reconhecimento. Sua vida é

---

<sup>3</sup> Equipe de voluntários que organizam a biblioteca. Possuem um ciclo de estudos organizado pela Dantes Editora sob orientação de Ailton Krenak. Acesso à biblioteca: <http://selvagemciclo.com.br/biblioteca/>

marcada por conquistas e visibilidade para pautas importantes que os povos indígenas reivindicam.

Até meados da década de 1980, os indígenas eram vistos como pessoas que estavam em um processo de de aculturação pelo Estado, de certa forma como pessoas em “transição” na qual a identidade indígena seria posteriormente apagada da história do país. No seu discurso na Constituinte de 1988, Krenak enfatiza que “o povo indígena tem um jeito de pensar, tem um jeito de viver. Tem condições fundamentais para sua existência e para a manifestação da sua tradição, da sua vida e da sua cultura”<sup>4</sup>. Dessa forma, a participação imponente de Krenak na Constituinte foi importante para mostrar que existiam outros modos de existência que deveriam ser considerados no momento de efetivação dos direitos das minorias.

Ailton Krenak é certamente uma liderança indígena de grande expressão, representatividade, e potência para o cenário nacional do Movimento Indígena organizado (SANTOS, 2019, p.106), dialogando também com possíveis aliados que não fazem parte de seu território. Nas suas falas, Krenak mantém sempre um diálogo claro a respeito da questão indígena, mas além disso também debate sobre outras questões que pertencem a realidades diferentes, fruto de suas vivências e práticas. Não só Amaral (2012, p.97) nos diz que a poesia e a luta de Ailton Krenak impulsionam a marcha para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos os seres humanos, como também Nêgo Bispo enuncia em palestra para o Ciclo Outras Economias (2021), que Krenak muito nos anima e nos faz festejar com a narrativa do seu povo, a narrativa da sua trajetória.

Certamente a sua atuação constitui uma importante contribuição para a construção de uma democracia cada vez mais ampla nesse país, e para o próprio exercício da cidadania no Brasil (AMARAL, 2012), ainda mais em tempos em que o

---

<sup>4</sup> Trecho da fala de Ailton Krenak na Assembléia Constituinte de 1987. Fonte: Índio Cidadão?, 2014. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM\\_Q](https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM_Q)> [Acesso em 10 de dezembro de 2021].

ativismo social se mostra cada vez mais presente na sociedade. Na atualidade ainda se faz necessário lutar para defender direitos que já foram conquistados, que porém são vítimas de ataques constantes, onde grande parte desses ataques são perpetuados pelo próprio Estado, que na teoria deveria ser o provedor de segurança e bem estar para toda a população, sem fazer distinção de qualquer natureza.

Todas as reflexões de Krenak estão intrinsecamente ligadas ao seu olhar como um membro de uma etnia indígena, os Krenak. Todos as suas ações e pensamentos são construídos a partir dessa experiência, ou seja, ele é um homem que fala o que fala, porta-se como se porta, escolhe o que escolhe, não como mera pessoa, mas porque toma parte de uma ancestralidade e de uma tradição que fazem dele (um) Krenak (MALAFAIA, 2021). Esse é um dos motivos pelo qual ele considera que pessoas não indígenas possuem papéis diferentes quando se trata das responsabilidades de um intelectual na sociedade:

Os intelectuais da cultura ocidental escrevem livros, fazem filmes, dão conferências, dão aulas nas universidades. Um intelectual, na tradição indígena, não tem tantas responsabilidades institucionais, assim tão diversas, mas ele tem uma responsabilidade permanente que é estar no meio do seu povo, narrando a sua história, com seu grupo, suas famílias, os clãs, o sentido permanente dessa herança cultural (KRENAK, 1994, p. 201).

Além disso, Krenak é conhecido pela escrita contínua, acessível e fluida. Na construção de seus textos é possível perceber que fogem da rigidez acadêmica, o que não significa que as reflexões não são profundas ou menos importantes. Ele reconhece que a forma de pensar dos povos tradicionais se distancia e diferencia da intelectualidade da academia, pois ela é construída através de outros moldes. Segundo Célia Xacriabá (2020):

A intelectualidade indígena não está apenas na elaboração do pensamento que acontece na cabeça. Está na elaboração do conhecimento produzido a partir das mãos, das práticas e de todo o corpo.

Todo corpo é território e está em movimento, desde o passado até o futuro. É aí que a intelectualidade indígena acontece. (2020, [s.p.])

A construção de seu pensamento é feita de forma peculiar porque Krenak usa como base a sua própria voz para compartilhar seus pensamentos e posteriormente conceber as suas reflexões em seus escritos. Dessa forma, como um intelectual, ao estar no meio de seu povo Krenak, adquire sabedoria e conhecimento ancestral, porém também transita por lugares urbanos concedendo entrevistas, palestras e etc. Esse movimento é importante na sua luta pelos direitos pois ele mostra para os não indígenas que os problemas que enfrentavam há anos ainda persistem, e alerta também para a problemática ambiental presente na sociedade. Ao fazer esses alertas Krenak compreende várias outras formas de vida que também estão sendo desrespeitadas por esse modelo de poder hegemônico que é presente nas sociedades capitalistas.

Para Krenak, corpo e terra são indissociáveis, um não existe sem o outro e até se confundem. Essa inseparabilidade da natureza é uma condição de existência visto que para os indígenas o ser humano também é natureza. Segundo ele, os humanos esquecem que fazem parte do meio ambiente e se colocam como instâncias superiores de um todo importante e interdependente. “Isso o que chamam de natureza deveria ser a interação do nosso corpo com o entorno” (KRENAK, 2020b, p. 99), mas isso também indo além da ideia de que apenas somos a natureza, mas para realmente entender que estar vivo significa muita coisa e que isso deveria nos atravessar de uma forma em que teríamos essa consciência, seríamos capazes de entender e sentir que o rio, a floresta, o vento e as nuvens são nosso espelho da vida (KRENAK, 2020b). Portanto, o sistema capitalista superestima a posição do ser humano em relação ao meio ambiente, quando de fato, a natureza pode viver bem sem o ser humano, mas é impossível para o ser humano sobreviver sem a natureza e tudo que a constitui.

“Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos humanidade. Enquanto isso - enquanto seu lobo não vem - fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a

pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.” (KRENAK, 2019b, p. 16 - 17)

Na visão Krenak, é possível citar vários exemplos sobre essa valorização de todas as formas de vida, como por exemplo o Rio Doce, em Minas Gerais, que é chamado de *Watu*, e que é tratado como um avô. Dessa forma, ele possui um simbolismo, é considerado como integrante da sociedade, se distanciando do olhar capitalista que o vê apenas como um rio que possui recursos para ser explorado. Além desse exemplo do rio, também há a montanha que também tem seu nome e características que em uma visão ocidental, no geral são designadas apenas para seres humanos:

Tem uma montanha rochosa na região onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração. A aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak, e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo “não estou para conversa hoje”, as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: “Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser” (KRENAK, 2019b, p. 17-18).

Esse trecho revela uma visão de alguém que vê a natureza não só como morada, onde os seus elementos constituem também a formação de um território que, ao ser modificado antropicamente de forma exploratória, também ocasiona um apagamento histórico e de ancestralidade. A colonialidade está tão impregnada em nós quanto a poluição do ar; está impregnada desde o olhar que temos sobre o mundo, sobre a paisagem, a vida. “A arquitetura das nossas cidades, a estética do mundo que nós compartilhamos é colonial e colonialista e ela reproduz, ela dá metástase” (KRENAK, 2020c, p. 10).

Assim sendo, a necessidade de se proteger e cuidar do rio e da montanha vai além da ideia de sustentabilidade que é propagada nas sociedades capitalistas, é garantir que a existência de um familiar, um ancestral, seja respeitada. É essencial para a manutenção da vida dos Krenak. É necessário entender esse vínculo. Associar o nosso corpo com outros seres é importante para que seja possível estabelecer uma relação mais harmônica com a natureza pois “ou você ouve a voz de todos os outros seres que habitam o planeta junto com você, ou faz guerra contra a vida na Terra” (KRENAK, 2020, p. 39).

As narrativas antigas explicam esse distanciamento que os brancos possuem em relação a essas outras formas de vida, isso vai desde a concepção de mundo pelos povos originários e pelos brancos. Krenak explica que os brancos se distanciaram para aprender outras tecnologias, desenvolver outras linguagens e aprender a se organizar de maneira diferente dos indígenas (KRENAK, 1999). Ele se refere a antigas profecias que contam sobre a chegada dos brancos, que datam até 4 mil anos atrás e explicam que esse “outro irmão” foi viver longe e perdeu seus hábitos, porém um dia ele resolve retornar para a casa e já não sabe mais nada sobre o que está buscando, nem sobre seus próprios pensamentos. A partir daí, esse retorno se torna uma ameaça para os povos originários pois eles voltam violentos, destruindo tudo e todos, invadindo territórios e assassinando as pessoas. Ao estar longe de casa esse “irmão” construiu uma forma de sociedade homogênea, que permite apenas um modo de vida, de pensar e de enxergar o mundo, e quem se distancia disso está errado e tem que se converter a esse modelo “correto” de viver.

Krenak mostra que os brancos europeus se consideravam merecedores e dignos dessa colonização porque ela se sustentava na premissa de que haviam povos que deveriam ser salvos e trazidos para o “lado da luz”, para o mundo de pessoas que são supostamente esclarecidas e dignas de salvar o restante da humanidade obscurecida, perdida. Com isso ele questiona a ideia de humanidade que foi sendo desenvolvida ao longo de aproximadamente 3 mil anos em nossa história, refletindo que essa ideia foi construída alinhada aos ideais de civilização,

fazendo com que barbaridades, como a colonização, fossem concebidas e perpetuadas.

Em nome dessa humanidade nós legitimamos e aceitamos suas decisões, que muitas vezes são ruins e nos causam perdas, porque estão sendo mantidas a serviço da humanidade que imaginamos ser (KRENAK, 2019b). Pode-se dizer que a colonização representou o fim do mundo para os povos originários. Quinhentos anos de uma história de perseguição e de um modelo predatório jamais visto encaminhou o mundo para o Antropoceno e anunciou uma ameaça de fim do mundo.

Para Krenak a pandemia escancarou a falência desse sistema. Segundo o autor, a visão dos brancos entrou numa espécie de “crise epistemológica” que cria a necessidade de repensar as suas bases que foram estabelecidas (KRENAK, 2021b). Em *Ideias para adiar o fim do mundo* Krenak avalia que o fim do mundo para os povos originários é efetivado de muitas maneiras e possibilidades diferentes e infelizmente vem sendo vivenciado pelo epistemicídio e o extermínio de suas cosmovisões e de suas populações.

Ainda discorrendo sobre as origens dessa colonização, uma versão da história conta que os portugueses, ao chegarem no Brasil pensando ter chegado às Índias, denominaram os povos que encontraram aqui como índios, ignorando que esses povos possuíam suas próprias auto-denominações e diferenças, colocando todos em um conceito apenas, o de índios. Além disso: “Só somos índios para os outros. Para nenhuma de nossas famílias nós somos os índios” (KRENAK, 2015, p. 230). Então essas inquietações pelas quais Krenak luta surgiram muito cedo na sua vida, desde quando ele teve que se “identificar” como índio

Índio é um equívoco de português, [...] porque o português saiu para ir para a Índia. Mas ele perdeu a pista e veio parar aqui nas terras tropicais do Pindorama, viu os transeuntes e acabou carimbando de índios. Aquele carimbo errado, equívoco, ficou valendo para o resto de nossas relações até hoje (KRENAK, 2015, p. 239).

Para exemplificar como isso de certa forma moldou uma estrutura de preconceitos, em um artigo publicado na Maloca - Revista de Estudos Indígenas no ano de 2018, o líder indígena expõe que os Krenak foram “classificados” de forma pejorativa de Botocudos, além de que sempre foram apelidados de forma ofensiva, e que esse termo inclusive pode ser encontrado até hoje na literatura mais recente. Então, ao longo de séculos os indígenas foram classificados como pertencentes a povos bárbaros, cada vez de um jeito mais velado. Para Krenak (2020), ao entrar em debates sobre colonização, é comum fazê-lo em uma perspectiva pós-colonial, porém é necessário se alertar de que a colonização é aqui e agora. Pensar que nós estamos discutindo as práticas coloniais como alguma coisa pretérita, que já foi e agora nós só estamos limpando, é uma brincadeira. Dessa forma, impedir que a colonização aconteça é uma grande luta dos povos originários e sob o mesmo ponto de vista, Krenak acredita que sobreviverão a essas adversidades pois já vem contrariando estatísticas e previsões, além de teorias colonialistas (inclusive no campo da esquerda) que acreditavam que os indígenas “não sobreviveriam à ocupação do território, pelo menos não mantendo formas próprias de organização, capazes de gerir suas vidas” (KRENAK, 2019a, p.14).

Vale destacar também que Krenak é um crítico do modelo de desenvolvimento capitalista vigente nas sociedades colonialistas, onde o sistema se mostra cada vez mais insustentável de se viver. A necessidade de se manter a escala de produção nos moldes capitalistas é um problema, onde a vida das pessoas, principalmente a vida da classe trabalhadora só vale enquanto gera lucro para os patrões. Existe uma tentativa de se manter esse modo de existência mesmo cientes de sua insustentabilidade, Krenak nomeou esse fenômeno como “mito da sustentabilidade”, que foi “inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza” (KRENAK, 2019a, p.10). Nesse sentido, ele reprova essa lógica de exploração excessiva da natureza, que é classificada por aqueles que são detentores de capital como recurso natural.

“Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise. É terrível o que está acontecendo, mas a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo (KRENAK, 2020)”.

A ideia de progresso é criticada por Krenak em *A vida não é útil*, pois para se ter esse progresso subentende-se que há algo que necessita ser gradativamente superado em prol do avanço da sociedade, seja em respeito à tecnologia, à ciência, à qualidade de vida e infinitos outros motivos. Porém, esse progresso é um mito que é sustentado por um aparato ideológico empenhado em induzir que a humanidade tem um destino exato e glorioso, um caminho que nos levará a algum lugar, cujo destino físico sequer existe.

Fica a questão: A quem serve o progresso e o desenvolvimento? O problema mora aí pois ao perseguir esse progresso a sociedade vai deixando para trás tudo aquilo que não interessa e que não está contribuindo para produzir mais, construir mais, avançar. “Vamos largando tudo que não nos interessa, o que sobra: a sub-humanidade, e alguns de nós fazemos parte dela”. (KRENAK, p. 10, 2020b). Ou seja, transformam tudo aquilo que é passível de uso nessa busca pelo progresso. Então esse progresso, discurso dominante mantido pelas elites e para as elites, carrega consigo a exclusão e várias outras problemáticas que agridem e restringem direitos humanos essenciais para todos.

A mercantilização do saber surge a partir dessa perspectiva. Krenak<sup>5</sup> tece comentários fundamentais sobre essa questão, e diz que uma das estratégias utilizadas pelo próprio Estado brasileiro para inseri-los nesse modelo econômico onde existe dinheiro foi tentar convencê-los de que *existem extra-relações* entre as pessoas, e que essa relação tem valor monetário. Dessa maneira, aquele modelo de valor que os povos tradicionais utilizavam, seja em forma de mutirões, parcerias, acordos, entre outros, não era válido. Existia um meio de autocompensação interna

---

<sup>5</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ueQAV\\_4fWbY](https://www.youtube.com/watch?v=ueQAV_4fWbY)>. Acesso em: 6. jan. 2022.

que foi rompida quando introduziram uma moeda que poderia substituir as relações e seus vínculos.

Em síntese, o único valor válido se transformaria no monetário, apenas aquele que é material e que é possível de se acumular. Então eles tentaram passar a ideia de que se os povos tradicionais aprendessem o valor do dinheiro eles entrariam nessa relação de um mundo amplo e melhor, cheio de possibilidades. Krenak denuncia que essa ação do Estado os transformava de seres capazes de colaborar uns com os outros, sem necessariamente esperar algo em troca, em pessoas que vão se empenhar apenas em intercambiar mercadorias, mudando seus costumes. Desse modo, o objetivo dessa mentalidade colonialista era invadir as suas cosmovisões e transformá-las apenas na lógica das mercadorias. Krenak se refere a essa afirmação evocando os ensinamentos de Davi Kopenawa Yanomami que diz que o mundo ocidental é a sociedade da mercadoria.

E nossas crianças, desde a mais tenra idade, são ensinadas a serem clientes. Não tem gente mais adulada do que um consumidor. São adulados até o ponto de ficarem imbecis, babando. Então para que ser cidadão? Para que ter cidadania, alteridade, estar no mundo de maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor? Essa ideia dispensa a experiência de viver numa terra cheia de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões. (KRENAK, 2019b, p. 24-25)

Em nome da economia e do dinheiro o ser humano comete barbaridades, parece ser mais valoroso do que a própria vida em si. De acordo com Krenak, vamos com a ideia de que “alguns irão morrer”, frase que foi realmente dita em uma entrevista pelo atual presidente da república Jair Bolsonaro, que demonstrou desprezo em relação às mortes por covid-19 no Brasil e no mundo. Esse pensamento entende a vida de algumas pessoas como mais importantes que a de outras, normalmente pela raça, classe social, gênero e idade. A ideia de que alguns inevitavelmente vão morrer em nome da economia personifica algo que deveria estar a favor dos humanos, no caso a economia, e despersonaliza as pessoas,

fazendo-as perderem traços de humanidade em detrimento de um poder aquisitivo que nunca tiveram, ou que um dia tiveram e perderam.

Em suma, Krenak revela que quem realmente está no poder não são os governos e sim as grandes corporações que obviamente visam apenas o lucro, deixando de lado o bem-estar social. Para piorar a situação, o próprio governo não tem interesse em garantir o bem-estar do povo ou os "recursos" naturais do país. Eles são aliados dessas grandes empresas e atuam em seu nome. A constituição da natureza como algo que é apenas rico em recursos é, na verdade, bem problemático. A Terra não é considerada um organismo vivo em nenhum ponto da equação, é apenas uma matéria-prima para consumo, levando a uma compreensão utilitarista do planeta, que resulta ao seu esgotamento. O autor se questiona: “Quantas Terras essa gente precisa consumir para perceber que está no caminho errado?”.

Krenak nos mostra que há uma necessidade urgente de mudar radicalmente a postura que a sociedade tem adotado em relação à natureza e ao meio ambiente, e apresenta a sua cosmovisão em comparação a cosmovisão capitalista que é cercada de contradições. Apesar de ser crítico suas palavras e reflexões decerto revelam uma esperança de que as coisas não estão terminantemente definidas, elas ainda podem ser mudadas, porém, qualquer alteração iria envolver afeto, no sentido de nutrir cuidado, e uma intensa reformulação do conceito do que é “humano”, aliado ao fator mais importante que é acreditar na Terra. Nessa concepção ele tira o foco do conceito de desenvolvimento em prol da produção de capital na mão de poucos e pensa a natureza e seu equilíbrio no centro do problema acerca da conservação da vida da espécie humana. Pode ser possível buscar na ancestralidade artifícios para refletir um pouco mais sobre os vários sentidos e significados da vida, sobre o que é estar vivo. A vida contagia com memórias, ela veicula memórias ancestrais (KRENAK, 2020a).

Olhando por essa perspectiva Krenak nos revela que existem pessoas que estão dispostas e são aptas a pensar fora dessa mentalidade hegemônica, os

Povos da Terra, que mantêm os “sonhos para adiar o fim do mundo”. O sonho é visto como uma instituição que ajuda a se entender e interpretar o mundo, pensando em outras formas de viver. Ao compartilhar esses sonhos se torna possível que ele afete o mundo sensível, pois o ato de contá-lo traz conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, e apresentá-los a aqueles que coexistem na sua vida pode transformar isso na hora em matéria tangível (KRENAK, 2020b). Assim, compartilhar sonhos é uma forma de unir forças para construir algo que abarque o físico e o imaterial, além da ética que norteia a convivência entre humanos e não humanos. Os sonhos são colocados como uma ponte entre humanos e não humanos, um espaço onde emoções e trocas podem ser construídas, que por sua vez formam uma ética da vida.

No sentido literal da palavra a memória remete a capacidade de armazenar informações que podem ser recordadas posteriormente. *Durkheim (1924/1970)* argumenta que a memória não pode ser concebida como algo meramente biológico, mas como um fenômeno que se alia, portanto, à dimensão do vivido e com as experiências vividas. É fácil perceber que vivências da infância foram preservadas até hoje em nossas memórias, e que apesar do passar do tempo essas memórias afetuosas não desapareceram. A memória pode então se configurar como uma fonte de representações. Ao mesmo tempo que sempre priorizaram a oralidade e a fala, a palavra escrita também se configura como um mecanismo de transmissão da tradição feito pelos povos indígenas, onde o resgate histórico da memória através da escrita também é uma possibilidade de se afirmar essa oralidade.

Desse modo, Krenak infere de um saber que vem de uma tradição ancestral, e busca se expressar em nome dela. Esse saber o atravessa mas não se interrompe nele. Ele transcende a individualidade intrinsecamente e rememora a história dos seus, com o intuito de construir um futuro diferenciado. Refletir sobre as memórias de existência de distintos povos é uma direção para ir contra a ideia constituída de humanidade criada pela visão ocidental e que se revela cada vez mais fraca. O autor revela que as pessoas assumiram outras formas para o corpo humano:

As diferentes narrativas indígenas sobre a origem da vida e nossa transformação aqui na Terra são memórias de quando éramos, por exemplo, peixes. Porque tem gente que era peixe, tem gente que era árvore antes de se imaginar humano. Todos nós já fomos alguma outra coisa antes de sermos pessoas [...]. Os ameríndios e todos os povos que têm memória ancestral carregam lembranças de antes de serem configurados como humanos (KRENAK, 2020b, p. 29).

No que se refere à significação do território para povos tradicionais ou provenientes de culturas africanas, o território também se configura como um meio de articulação entre o passado e presente, uma vez que a memória pode se manifestar em elementos de espaços comunitários, onde o pertencimento do sujeito é feito em seu espaço social, e perante as práticas sociais influencia na sua formação. “É mesmo pré-condição para a experiência do sujeito coletivo a existência de uma comunidade para além dos seres humanos, uma constelação de seres: paisagens, rios, florestas, montanhas” (MALAFAIA, 2021, p.98). Muitas vezes é necessário ouvir o outro como exercício de reconhecimento próprio, para que assim seja possível encontrar a sua própria voz. E ouvir o outro implica em também aprender a escutar os sinais que todas as formas de vida nos dão, desde o rio, o vento, os pássaros, as montanhas. Um ser humano que não percebe que isso é necessário claramente não entende a sua origem e do necessário para sobreviver.

Ao mesmo tempo em que a grande maioria da humanidade está alijada do exercício de ser, a modernização retira essa gente de seu lugar de origem, arranca-a de sua coletividade, desliga-a de sua terra originária, do campo e das florestas (MALAFAIA, 2021, p. 92). Virando mão de obra nas cidades, essa gente passa a viver nas favelas e nas periferias e são “jogadas nesse liquidificador chamado humanidade” (KRENAK, 2020, p. 14), que mistura tudo e apaga as suas individualidades, desfazendo memórias coletivas e ancestrais. Krenak enxerga os ataques aos territórios indígenas como sustentados na ideia de que os indígenas

deveriam incorporar o estilo de vida dos dos brancos e de como eles lidam com a terra.

Guattari e Rolnik (1996) sustentam a ideia de que todo processo político de perda de território ocasiona, inevitavelmente, uma contrapartida de reterritorialização por parte dos sujeitos violados. A partir daí entra a descolonização, onde ao se reapropriar desses espaços e torná-los novamente seus, suas características aos poucos vão retornando, através do reconhecimento da importância dos sujeitos coletivos. Enquanto indivíduo, Krenak se expressa como um sujeito de um discurso natural mas veicula uma representação de muitos.

[...] a pergunta se nós conseguimos mesmo nos encontrar, se nós conseguimos mesmo realizar a experiência do encontro. Não estamos falando só do encontro interpessoal, só entre pessoas, mas entre povos e culturas, entre tradições diversas. No meu pensamento isso é provocado por afetar uma idéia de sujeito que quer viver a experiência de um sujeito coletivo. Eu não me vejo andando sozinho no mundo. Eu sempre convoco alguma humanidade para andar junto comigo. (KRENAK, 2020c, p. 8).

Krenak (2019b) considera que se as pessoas não tiverem vínculos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão acabar enlouquecendo. Na sua visão os indígenas sobreviveram agindo como coletivos, indo atrás de suas próprias narrativas, do seu modo de pensar e se relacionar e confrontar a vida, recusando essa visão de humanidade que nega as diferentes formas de existência e os diferentes hábitos. A sua inspiração veio de manobras que os antepassados fizeram como resistência para o seu povo. “Muitas dessas pessoas não são indivíduos, mas “pessoas coletivas”, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo”. (KRENAK, 2019a, p.14).

A maneira como os povos originários de diferentes partes do mundo se relacionam com a ancestralidade é retratada a partir de um modelo de uma cosmovisão profundamente conectada com a natureza e a espiritualidade humana.

O ser humano é visto como importante na configuração da Terra, porém não mais importante quanto os outros seres, porque acreditar nisso é acreditar que existe uma qualidade humana especial (KRENAK, 2020b), o que não é o caso. pois: “[...] se essa qualidade existisse, nós não estaríamos hoje discutindo a indiferença de algumas pessoas em relação a morte e a destruição da base de vida do planeta (KRENAK, 2020b, p. 42). Dessa forma, essa superioridade humana nunca aconteceu e não “passa de uma construção histórica não confirmada pela realidade” (KRENAK, 2020b, p. 43). Então, é em torno dessa humanidade que acreditamos ser que circula muitas das reflexões de Krenak.

A sensibilidade nas falas de Krenak, ao tratar sobre as mais variadas questões sobre a vida, revela que o seu entendimento não está vinculado apenas ao ato de procurar respostas para esclarecer sobre o sentido da vida, sobre o que ela é na sua definição, ou o porque existimos e para onde vamos. Ele diz que nós já somos a vida, e que não é necessário ficar procurando essas respostas em lugar nenhum. Nenhum outro ser além do ser humano tem essas preocupações porque eles estão apenas produzindo vida e sendo vida, isso já basta, é o essencial.

A vida que a gente banalizou, que as pessoas nem sabem o que é e pensam que é só uma palavra. Assim como existem as palavras “vento”, “fogo”, “água”, as pessoas acham que pode haver a palavra “vida”, mas não. Vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição. (KRENAK, 2020b, p. 29).

Em relação a isso, Krenak (2020a, p. 2) declara: “Acho isso tão maravilhoso pois nos dá confiança, uma firme confiança de que a vida é maior que qualquer observação que possamos produzir, inclusive a ciência”. Desse modo, nos faz entender que a vida já existia muito antes da percepção humana (KRENAK, 2020a), afastando a influência desse pensamento onde o homem está no centro de tudo e é o protagonista na linha do tempo da vida. É algo bem maior que nós.

Portanto, existe um processo de alienação do mundo, uma desvinculação dos seres humanos do entendimento da Terra e seus elementos enquanto

organismo vivo. Os seres humanos transcendem nas suas teorias e buscas e usam a terra como suporte na busca de outras formas de vida, ignorando as outras formas de vida já existentes aqui. Mais uma vez, é necessário compreender as outras formas de vida, de existência pois, “tem gente louca para ir buscar vida no céu, mas a vida já está aqui, já está lá, está em todo lugar. Essa meditação em entender que a vida está em todo lugar, é maravilhosa pois te dá a potência de atravessar, assim como a vida, esses períodos todos: períodos da história, períodos geológicos (KRENAK, 2020a, p.2).”

Como estratégia para tentar melhorar um pouco a relação das pessoas, mais especificamente dos não indígenas, que não possuem uma conexão real com a natureza, Krenak sugere criar políticas de envolvimento para que a natureza seja pensada como algo importante e que é essencial para as nossas vidas, e com isso também frear essa busca descontrolada por progresso e desenvolvimento pois nós fomos colonizados pela ideia de desenvolvimento (KRENAK, 2017). Para acontecer esse envolvimento se faz necessário associar nossos corpos para criarmos relações mais compatíveis.

Os indígenas sempre sobreviveram atuando como coletivos. Dessa forma, a vontade de proteger todas as formas de vida na terra vem de memórias de existências que exprimem a conexão de todos os seres. É necessário “despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda” (KRENAK, 2019a). É necessário repensarmos muitos comportamentos para não contribuirmos com a nossa extinção, e quem sabe adiarmos o fim do mundo.

## **CAPÍTULO 2**

### **NÊGO BISPO**

Nascido no dia 10 de dezembro de 1959 no Vale do Rio Berlingas, antigo povoado Papagaio, hoje município de Francinópolis/PI e atualmente morador do Quilombo Saco-Curtume, em São João do Piauí-PI, Antônio Bispo dos Santos, mais conhecido apenas como Nêgo Bispo, é uma influente liderança quilombola e de movimentos sociais, principalmente de luta pela terra. Além disso, ele é lavrador, formado por mestras e mestres do ofício. Atualmente é integrante da Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí (CECOQ-PI), e também faz parte da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais e Quilombolas (CONAQ).

No seu livro *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*<sup>6</sup>, lançado em 2015 e composto por 4 capítulos, Bispo propõe uma nova epistemologia para se discutir desde as origens da colonização aos atuais modelos de desenvolvimento adotados na contemporaneidade. Nego Bispo tem sido um interlocutor frequente de antropólogos e seu livro se faz cada vez mais presente no programa de inúmeros cursos de graduação e pós-graduação do país (LEAL *et al.*, 2019, p.73).

No primeiro capítulo, denominado *Invasão e Colonização* Bispo inicia explicando que para compreender os efeitos da colonização nas Américas se faz necessário dialogar profundamente com os conceitos de cor, raça, etnia, colonização e contra-colonização (SANTOS, 2015, p. 20). É isso o que ele faz nesse livro, discorre sobre esses assuntos porém não de uma forma acadêmica,

---

<sup>6</sup> Esse livro faz parte da coleção de obras publicadas pelo Instituto de Inclusão assinadas por mestres e mestras das comunidades tradicionais — indígenas, quilombolas, de matriz africana, e das culturas populares.

com uma linguagem difícil, ele traz fatos da vida real para explicar seus pensamentos.

As visões de Bispo encontram semelhanças com intelectuais vinculados ao Movimento Decolonial. Esse movimento emergente latino-americano surge como um estímulo para enfrentar a colonialidade e tem estudiosos como Luciana Ballestrin (2013), Aníbal Quijano (2005) e Edgard Lander (2005)<sup>7</sup>. Apesar de algumas de suas reflexões terem ressonância, Nêgo Bispo afirma que a forma de pensar dos povos tradicionais se difere da academia por ser criada a partir de outros paradigmas. Além disso, ele não faz uso do termo decolonial e sim de contra-colonização. Em entrevista ele explica que decolonial é um termo criado pela academia e que nem todo mundo entende de primeira o seu significado, já o termo contra-colonização é autoexplicativo e descreve de cara o que ele considera ser: contra-colonizador. Dessa maneira, por definição, colonização e contra-colonização é como pretende conceituar os processos de enfrentamento entre povos, raças e etnias em confronto direto no mesmo espaço físico geográfico (SANTOS, 2015).

Assim sendo, Nêgo Bispo vê como colonização os processos de invasão, subjugação, expropriação, etnocídio e também a troca de uma cultura por outra. A contra-colonização entra como resistência a esses processos e a luta pela defesa principalmente do território e dos seus modos de vida. O autor considera os povos africanos e indígenas como contra-colonizadores e, por outro lado, os povos advindos da Europa são tratados como colonizadores, independentes se senhores ou colonos (SANTOS, 2015, p. 48).

O ponto de partida para essas análises são as origens da colonização. Bispo conta que apesar de haver muitas versões sobre a vinda dos colonizadores para o

---

<sup>7</sup> Ver: BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n.11 p 89 – 117, maio/agosto 2013

LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo nas ciências sociais - perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: 2005. 130p.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina** in: E. Lander. A colonialidade do saber, p. 227-78, 2005.

Brasil, a que foi ensinada para ele na escola foi a versão de que os portugueses estavam a procura de especiarias e tinham como objetivo chegar às Índias para reestabelecer o comércio, porém se perderam no caminho. Então, ao chegarem no país batizaram os povos originários que lá encontraram como “índios”, por acreditarem ter chegado às Índias.

Bispo declara: “ao os generalizarem apenas como “índios”, estavam desenvolvendo uma técnica muito usada pelos adestradores, pois sempre que se quer adestrar um animal a primeira coisa que se muda é o seu nome” (SANTOS, 2015, p. 27). Em outras palavras, essa generalização tinha como intuito afastá-los de suas identidades e particularidades para que fossem desumanizados. A respeito dos negros nessa relação afro-pindorâmica , Bispo reconhece que também foi utilizada a mesma estratégia de “coisificar” por parte dos colonizadores, pois os negros também possuíam suas próprias autodenominações, diversas organizações sociais, e foram todos considerados apenas como “negros” no processo de colonização, para que também fosse quebrada as suas raízes de identidade por meio dessa técnica de domesticação. Além disso, é fácil notar como isso influenciou relações até os dias de hoje como por exemplo na educação, “a escola sempre se refere a esses povos apenas como negros e índios, desconsiderando as suas diversas autodenominações e ocultando a relação colonialista por detrás de tais denominações” (SANTOS, 2015, p.29).

O termo afropindoramico é muito utilizado durante todo o livro. Bispo criou essa palavra como uma forma de se opor à denominação que foi forjada pelos colonizadores, como uma estratégia de descolonização do pensamento e também da linguagem. Pindorama, que significa Terra das Palmeiras, está relacionado ao nome que os povos originários chamavam o Brasil antes da invasão.

Bispo encontra nas Bulas Papais argumentos que dão permissão a reis de invadirem, perseguirem, capturarem e derrotarem quaisquer pagãos e outros “inimigos de Cristo”. “Isso porque para os cristãos é necessário justificar que essas pessoas são apenas “coisas”, que elas não têm “alma” e que, por isso, delas podem

se utilizar como bem quiserem”. (SANTOS, 2015, p.29). Neste documento não é mencionado nenhuma busca a especiarias, ao contrário do que o foi ensinado na escola, e também não é citado a Índia, e sim cristianismo e paganismo e a concessão de poderes para os cristãos fazerem o que quiserem com os pagãos.

Para Nêgo Bispo a religiosidade expressa muito o modo de organização das sociedades, de como percebe-se a maneira de viver, de como se pensa a vida e a vida acontece em sociedade. Bispo busca sempre discorrer sobre as cosmovisões, diferenciando a cosmovisão monoteísta, que está ligada diretamente aos colonizadores, da cosmovisão politeísta dos contra-colonizadores. Nesse entendimento, a cosmovisão monoteísta é aquela onde se possui apenas um Deus linear, onipotente, onipresente e onisciente, que é punitivista, e que está associada aos valores cristãos. Ele indica que essa visão monoteísta vem dos europeus. Já a cosmovisão politeísta é aquela que possui vários deuses que cultuam a terra, pertencente às comunidades tradicionais (quilombolas e indígenas), e que são considerados pagãos pelo cristianismo. Essas duas cosmovisões organizam os povos nas sociedades.

O Deus da Bíblia inventou o trabalho e o fez como um instrumento de castigo. Daí entendemos o caráter escravagista de qualquer sociedade que venha a construir seus valores a partir das igrejas originárias da Bíblia (SANTOS, 2015, p. 31). Ou seja, a cosmovisão monoteísta cristã autoriza e dá sustentação a essa escravização porque para esse Deus dos europeus o trabalho era um castigo, e veio para dizimar, desterritorializar, desapropriar e incitar guerras.

A religiosidade é um fator que Bispo cita para exemplificar as relações de poder na sociedade. Em um culto em uma igreja cristã monoteísta a estrutura é feita verticalmente, onde todos ficam abaixo do altar escutando a pessoa designada para falar em nome de Deus, que fica acima. Não se vê muita diversidade e quem fica com esse papel é um homem quase sempre branco. Essa separação é feita geralmente por gênero, idade e cor. Nos terreiros dos povos pagãos politeístas a

instituição é pensada de forma mais circular horizontal e inclui tudo aquilo que essa primeira instituição segrega.

No segundo capítulo o autor fala sobre os movimentos de resistência e insurgência que aconteceram desde a colonização. Cita Palmares, Canudos, Caldeirões e Pau de Colher como exemplos de povos que se organizaram em quilombos e viviam de forma independente do Estado, lutando contra os modelos hegemônicos e que por esse motivo foram vistos como uma ameaça e todos eles tiveram a população inteira dizimada. Ele explica como essas organizações de comunidades negras foram classificadas como Mucambos, Retiros e Quilombos para em seguida serem criminalizadas. Bispo cita um poema autoral que fala sobre essas questões:

Fogo!... Queimaram Palmares,  
Nasceu Canudos.  
Fogo!... Queimaram Canudos,  
Nasceu Caldeirões.  
Fogo!... Queimaram Caldeirões,  
Nasceu Pau de Colher.  
Fogo!... Queimaram Pau de Colher...  
E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades  
que os vão cansar se continuarem queimando

Porque mesmo que queimem a escrita  
Não queimarão a oralidade  
Mesmo que queimem os símbolos,  
Não queimarão os significados.  
Mesmo queimando o nosso povo,  
Não queimarão a ancestralidade.

Dessa forma, o poema mostra que a existência dos povos originários questiona o modo de vida que a sociedade toma como único em seus processos de

dominação. Portanto, a resistência se faz nos corpos, e apesar de todos aparatos de silenciamento que existam para apagar a sua existência, os povos originários sempre acionam novos mecanismos de contra-colonização para ir de encontro aos modelos de dominação hegemônicos. É a sobrevivência como forma de resistência dos oprimidos.

No terceiro capítulo Bispo discorre sobre a bionteração, relação que é desenvolvida entre comunidade e ambiente. Ele conta sua experiência vivendo em uma comunidade chamada Pequizeiro e mostra que na região o uso da terra era demarcado pelas práticas e cultivos. As relações dos indivíduos com o território acontecem interdependentemente onde eles cuidam e manejam as plantações, por exemplo, e depois consomem os alimentos que são cultivados a partir desses cuidados. Mas é necessário mencionar também que essa relação vai além da prática de subsistência.

Bispo cita o exemplo das casas de farinha que os quilombolas e indígenas utilizam, é uma organização própria que quase todas as pessoas que residem nessas comunidades conhecem. Nessas farinhadas existem várias funções até se chegar no produto final. É muito trabalho comunitário, com interação uns com os outros e demonstrando como é importante que cada um faça sua parte. Um dos ensinamentos passado pelas mestras e mestres referente a esse processo diz respeito ao acúmulo. Eles dizem que “o melhor lugar para guardar mandioca é na terra” assim como “o melhor lugar de guardar os peixes é nos rios, onde eles continuam crescendo e se reproduzindo”. (SANTOS, 2015, p. 82).

No quarto e último capítulo Bispo fala sobre confluências e transfluências:

Confluência é a lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas. Transfluência é a lei que rege as relações de transformação dos elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se mistura se

ajunta. Por assim ser, a transfluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento monista do povo monoteísta. É a partir dessas leis que se geram os grandes debates entre a realidade e a aparência, ou seja, entre o que é orgânico e o que é sintético. (SANTOS, 2015, p.89).

A ideia de humanidade moderna mostra que as bases da sustentação sobre o que é considerado humanidade vem de encontro com as cosmovisões dos povos tradicionais, [...] quilombola nasce quilombola, vive quilombola e é sempre quilombola. E quilombola é povo, tem trajetória histórica, tem ancestralidade. [...] Indígena tem ancestralidade. A confluência é isso, é o fortalecimento, é a complementação, é o compartilhamento. É isso que está na nossa trajetória (SANTOS, 2021)<sup>8</sup>.

Em entrevistas, Nêgo Bispo sempre afirma que sua trajetória se sustenta pela fala. O saber é compartilhado de geração em geração, e se configura como um meio de manter a memória de seus ancestrais viva e preservar a sua história. Uma problemática que ele encontra está relacionada com a mercantilização do saber. Essa cosmovisão vai de encontro com a cosmovisão dos povos tradicionais onde saber não é vendido, e sim compartilhado. Esse é um fato importante pois no ato de compartilhar esse saber a outra pessoa também pode agregar no conhecimento e acrescentar algo a mais, formando uma rede de saberes. Então esse saber se expande cada vez mais<sup>9</sup>.

O saber quilombola veio da África para América se movendo pela cosmologia, ou melhor, transfluindo, e posteriormente confluindo aqui com outras cosmologias. Como aponta Bispo (2018. p. 2):

[...] quando nós chegamos ao território dos indígenas, encontramos modos parecidos com os nossos. Encontramos relações com a natureza parecidas

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/Identidade/article/view/1186>. Acesso em: 19 jan. 2022.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdGJxw>. Acesso em: 6 jan. 2022.

com as nossas. Houve uma grande confluência nos modos e nos pensamentos. E isso nos fortaleceu. E aí fizemos uma grande aliança cosmológica, mesmo falando línguas diferentes. Pelos nossos modos, a gente se entendeu.

A única coisa que o africano trouxe quando foi arrancado da Mãe África foi seu corpo-território (SODRÉ, 2002) e, para que pudesse sobreviver a um sistema que foi criado sendo não só contra o corpo negro, mas também contra tudo que representa o ser negro, precisou além de resistir, existir e manter seus costumes mesmo em terras distantes e diferentes do habitual. Dessa forma, a confluência é esse admirável encontro cosmológico, que nos apresenta maneiras de pensar, é o encontro dos sentimentos, dos sentidos, é o encontro das vidas que se compartilham. As pessoas se entendem como parentes, como amigos, como seres próximos.

Seguindo essa linha de raciocínio, Nêgo Bispo conta em entrevista (CICLO OUTRAS ECONOMIAS, 2021)<sup>10</sup> que a primeira grande confluência de saberes foi cosmológica, e aconteceu quando trouxeram os povos da África para esse continente, que através da natureza, das plantas, da água, do vento, se entenderam com os povos originários daqui, que se comunicavam em línguas diferentes, porém, pela linguagem cosmológica aconteceu a primeira grande confluência, com as pessoas se entendendo através dos demais seres.

A segunda confluência se deu através da Constituição, onde eles se apropriaram do Direito colonialista para transformá-lo na sua própria defesa. Por fim, a mais importante confluência cosmológica é a que está acontecendo agora, onde desmantelaram-se as teorias, ou como o próprio Bispo se refere, “as dissertações”, em detrimento do que realmente tem valor, que são as cosmologias. Essa grande confluência cosmológica, das cosmologias politeístas afro diaspóricas, afroindígena, afro quilombola, as que são originalmente pertencentes desse lugar, se mostram muito importantes para a construção de um mundo bem melhor.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ueQAV\\_4fWbY](https://www.youtube.com/watch?v=ueQAV_4fWbY)>. Acesso em: 6. jan. 2022

Por fundamento, a pessoa inserida na religião cristã monoteísta será considerada colonizadora. Levando-se em consideração esses aspectos, é necessário reafirmar que todas essas definições sobre confluência citadas aqui estão se referindo a cosmovisões politeístas, pois os colonialistas não participam dessa confluência, eles são monoteístas e não englobam esses significados, os saberes são lineares, só cabe um Deus, tem apenas uma certeza, um significado, uma verdade. Esse tipo de conhecimento é o que necessita ser certificado para comprovar sua existência, logo é um conhecimento sintético (SANTOS, 2015). Ou seja, um conhecimento que tem a sua origem no campo das idéias e que opera distante da composição do “ser”.

Dessa maneira, *Colonização, quilombos, Modos e Significações* se mostra como uma forma de resistência aos modos de escrita dos colonizadores pois todo o seu conteúdo e seu conceito é pensado para ser contra os ideais hegemônicos. É importante reconhecer o livro fora do domínio da colonização, e ele tem um grande potencial de ser uma referência epistemológica, porém, não ficar só na teoria pois Bispo defende que para contracolonizar é necessário sair da teoria e priorizar a trajetória, senão o seu discurso não tem sentido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua primeira parte, este trabalho propôs realizar uma abordagem histórica acerca da trajetória de Ailton Krenak buscando entender desde o início da sua vida os seus feitos e realizações. Dessa maneira, foi apresentado como Krenak influenciou nas escolhas que moldaram os resultados da Constituinte e como isso se mostra até nos dias atuais como um ato de coragem, pelos seus desdobramentos e pela demonstração de que os povos indígenas também deveriam possuir direitos para poderem manter seu modo de vida e suas tradições.

Além disso, foi apresentado também que os pensamentos e atitudes de Krenak são construídos a partir de sua experiência com ser um membro dessa etnia, ele é o que é e faz o que faz por ser um Krenak. Então, a sua visão sobre a vida vem a partir disso, o fato dele considerar outras formas de vida nos seus processos também é proveniente disso.

Em seguida a questão dos sujeitos coletivos foi inserida no trabalho, onde Krenak se mostra como uma pessoa que fala a partir de um corpo e de um lugar que foi construído coletivamente, a partir do compartilhamento de experiências. Ele afirma que não se vê andando sozinho no mundo e mostra que sempre convoca alguma humanidade para fazer companhia. Dessa forma, é possível trazer um pouco da visão de Nêgo Bispo sobre esses sujeitos coletivos. Ele sempre reafirma a importância de se viver e se estar em comunidade. Para ele, se tiver uma pessoa doente na comunidade, todo mundo está doente. Se tiver um fraco, todo mundo está fraco. Ambos estabelecem relações plurais com os outros e se reconhecem nessa relação como parte, são os ancestrais que estendem as mãos compartilhando o conhecimento, pois a memória também constrói o saber.

Na obra e ideias dos dois autores é possível notar um forte apelo para a construção de uma memória histórica, mas não uma memória histórica qualquer e

sim a memória histórica dos quilombolas e indígenas. Krenak reforça a importância da memória como um vínculo ancestral para a construção de sua história enquanto Nêgo Bispo faz um resgate da história do povo negro e brasileiro a partir das sociedades quilombolas que foram desprezadas pelo Estado brasileiro.

Além disso, deve ser destacado que muitos assuntos trabalhados nessa pesquisa não puderam ser mais aprofundados em razão das limitações do trabalho, instigando-se assim futuras pesquisas como, por exemplo, a relação afroíndigena observada por Goldman (2015) perspectiva na qual se trata, basicamente, de pensar a relação afroíndigena de um modo que não a reduza a simples reação à dominação branca, nem à mera oposição entre duas identidades — não importa se tidas como “primordiais” ou como constituídas por “contraste”.

É sempre bom lembrarmos que os dois autores partem de pontos de vista diferentes, mas tem como base a experiência na luta pelos seus povos e o que essa experiência pode nos ensinar. Os dois estão interessados em estabelecer uma contra narrativa aos processos de colonização.

De todo modo, o objetivo do trabalho foi apresentar dois expoentes do pensamento dos povos tradicionais no Brasil e como suas contribuições são importantes para pensar e lutar pelos direitos das populações indígenas e negras, principalmente o direito à terra e de manter uma relação harmônica com ela, traçando um diálogo com assuntos que inevitavelmente são relacionados a Ciências Socioambientais.

Por fim, na epígrafe deste trabalho foi citada uma frase do rapper Emicida que diz que “Viver é partir, voltar e repartir”. Tal frase pode ser associada a Krenak e Nêgo Bispo pois são pessoas que sempre viajam, dão palestras e afins mas sempre voltam para os seus e compartilham o conhecimento que também receberam, pois, segundo Nêgo Bispo (2021), se eles não voltarem, eles foram influenciados. E ser influenciado é a mesma coisa do que ser colonizado. Ou seja, você abriu mão do seu saber, para aceitar o saber do outro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Fernando Rosa do. **A história indígena na perspectiva de povos indígenas: Ailton Krenak e o “Eterno retorno do encontro”**. In: LIMA, Pablo Luiz de Oliveira (Org.). Fontes e reflexões para o ensino de história indígena e afrobrasileira: uma contribuição da área de História do PIBID/FaE/UFMG. Belo Horizonte: Faculdade de Educação - UFMG, 2012. 134 p.

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n.11 p 89 – 117, maio/agosto 2013

DORNELES, D. R. . **PALAVRAS GERMINANTES: ENTREVISTA COM NEGO BISPO**. Identidade!, [S. l.], v. 26, n. 1 e 2, p. 14–26, 2021. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/Identidade/article/view/1186>. Acesso em: 10 fev. 2022.

Durkheim. E. **Representações Individuais e Representações Coletivas**. Sociologia e Filosofia (J. M. de T. Camargo, Trad.). Rio de Janeiro: Forense. (1970). (Trabalho original publicado em 1924).

GOLDMAN, Márcio. **Quinhentos anos de contato: por uma teoria etnográfica da (contra)mestiçagem**. Mana, 21 (3): 641-659, 2015.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

KRENAK, Ailton. **Antes, o mundo não existia**. In:\_. NOVAES, Adauto (Org.). Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **A vida é selvagem**. Cadernos Selvagem. Dantes Editora, 2020a.

\_\_\_\_\_. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

\_\_\_\_\_. Entrevista In COHN, Sergio & KADIWÉU, Idjahure. Tembetá – **Conversas com pensadores indígenas**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2019a. 206p.

\_\_\_\_\_. **Entrevistas e palestras**. In:\_. WERÁ, Kaká (Org.). Ailton Krenak. Rio de Janeiro, Beco do Azougue editorial. Coleção Tembetá, 2017.

\_\_\_\_\_. **Encontros**. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

\_\_\_\_\_. **Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição)**. Companhia das Letras, 2019b.

\_\_\_\_\_. **O amanhã não está à venda**. Companhia das letras, 2020c.

\_\_\_\_\_. **Um raio caiu bem aqui do lado**. Cadernos Selvagem. Dantes Editora, 2021.

LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo nas ciências sociais - perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: 2005. 130p.

LEAL, Natacha Simei et al. **Das confluências, cosmologias e contra-colonizações. Uma conversa com Negro Bispo**. Revista EntreRios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, v. 2, n. 1, p. 73-84, 2019.

MALAFAIA, Paulo Alexandre Marcelino. **Filosofia de uma pessoa coletiva**. PerCursos, Florianópolis, v. 22, n.48, p.83 -108,jan./abr. 2021.

MORAES, Julia Thais de Assis; ARAUJO, Silvia Dettmer. **Breve análise entre a constituição federal e a institucionalização dos direitos fundamentais no contexto indígena**. In: Revista Aporia Jurídica (on-line). Revista Jurídica do Curso de Direito da Faculdade CESCAGE. 8ª Edição. Vol. 1 (jul/dez2017). p. 228 - 240.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América**. Latina'in: E. Lander. A colonialidade do saber, p. 227-78, 2005.

SANTANA, Carolina Ribeiro; CARDOSO, Thiago Mota. **Direitos territoriais indígenas às sombras do passado**. Revista Direito e Práxis [online]. 2020, v. 11, n. 01 [Acessado 2 Novembro 2021] , pp. 89-116. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2179-8966/2019/40863>>. Epub 20 Mar 2020. ISSN 2179-8966. <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2019/40863>.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

\_\_\_\_\_. **Somos da terra**. Piseagrama, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, 2018.

SANTOS, Tamires Cristina dos. **Etnografia de uma lei: o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena**. 2019.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro. Imago Ed: Salvador-BA: FUNCEB, 2002.

XAKRIABÁ, Célia. **Amansar o giz**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 14, página 110 –117, 2020.

## VÍDEOS

CICLO OUTRAS ECONOMIAS - Cosmologias do dinheiro | Nego Bispo e Ailton Krenak. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (01:31:57). Publicado pelo canal MUDA Outras Economias. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ueQAV\\_4fWbY](https://www.youtube.com/watch?v=ueQAV_4fWbY)>. Acesso em: 6. jan. 2022.

ÍNDIO CIDADÃO? - Grito 3 Ailton Krenak. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (04:01 min). Publicado pelo canal ÍNDIO CIDADÃO? - O FILME. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM\\_Q](https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM_Q)> Acesso: 10 dez. 2021.

NÊGO BISPO: vida, memória e aprendizado quilombola. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (15:54 min). Publicado pelo canal Itaú Cultural. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdGJxw>>. Acesso em: 6 jan. 2022.